

Alexandra Leal

COM PAULA COSME PINTO

**Os Segredos  
da Maleta Vermelha**

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, La Maleta Roja S.L.

© 2011, Planeta Manuscrito

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Janeiro de 2012

Depósito legal n.º 338 029/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-261-7

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

## Índice

Prefácio, <i>por Júlio Machado Vaz</i> . . . . .	11
Introdução – Um projecto de mulheres para mulheres...	
E não só . . . . .	15
Sou mãe e vendo produtos eróticos . . . . .	19
Clientes: Um vibrador para a neta... E outro para a avó! . .	23
Tabus: «Pip, pip, parou... Aqui atrás nada entra!» . . . . .	29
Nasci nas Caldas... e então?! . . . . .	45
O início: Do convento... para a Maleta Vermelha. . . . .	51
Isto nunca irá resultar em Portugal... <i>Coño!</i> . . . . .	57
Nem tudo é cor-de-rosa nas reuniões . . . . .	67
«Sinto-me um monstro...» . . . . .	73
Reunião secreta num beco . . . . .	79
Comer sempre arroz com feijão é um tédio . . . . .	87
A (errada) supremacia do vibrador . . . . .	101
A grande questão: tem prazer? . . . . .	115
Caça às bruxas... vermelhas . . . . .	123

Preconceitos: «Ou a Maleta ou eu!» .....	133
Todas diferentes, todas iguais: «Vinde ver a Maleta Vermelha!» .....	137
Dúvidas: «Mas o lubrificante come-se?» .....	141
Mamã, o que é um vibrador? .....	151
O que dizem os especialistas sobre A Maleta Vermelha ..	157
Índice de segredos .....	161
Quando a internet pode ajudar .....	163
Livros interessantes e divertidos sobre vida sexual .....	165

## Prefácio

**E**ste livro fez-me rir com gosto. Não é coisa pouca em tempos soturnos, dominados por agências de *rating* e sacrifícios tão equitativamente distribuídos que até um milionário se sentiu na obrigação de escrever um artigo a pedir para pagar mais impostos! Acresce que sexo e humor são companheiros privilegiados de viagem, despertar o sorriso – e não o casquinar javardo, infelizmente habitual entre nós... –, despertar o sorriso, dizia, individual ou colectivo, estilhaça barreiras que impedem a simples troca de pontos de vista, a tão necessária informação ou até, objectivo mais ambicioso, a formação.

Devo confessar que me entreguei a associação livre «perversa». Ao imaginar as reuniões descritas, recordei os famosos chás *Tupperware* da geração de minha mãe. Como me sentia intrigado pelo que se passaria entre aquelas mulheres, permitindo-lhes criar espaços próprios em país que franzia

o sobrolho a reuniões sem vigilância macha. (Às outras também, mais de duas pessoas já formavam um ajuntamento suspeito de pertencer ao revirinho...) Quanto aos almoços mensais com as amigas, de que minha mãe regressava alegre, repousada e discreta, não faziam do sexo o tema principal, mas eram já esboços de uma libertação feminina que cresceu dolorosamente devagar!

E liberdade é palavra que assenta bem a estas linhas. Desde logo, por o texto recusar qualquer intenção dogmática na sua visão da sexualidade ou monopolista nas soluções preconizadas para os problemas. É bom; todas as certezas e generalizações nos afastam das pessoas reais, vestidas de lágrimas e sorrisos. Depois, porque a narrativa nos proporciona um quadro impressionista e surpreendente de gentes portuguesas oriundas das mais diversas geografias e condições sociais, recorrendo à Maleta Vermelha por razões diversas, desde a abençoada galhofa à tímida esperança. Tal «etnografia itinerante», de mochila às costas, evita a frieza dos números, sempre prontos a soterrarem de tal modo as vozes que deixamos de as ouvir pedir ajuda.

Considero este um livro de formação em sexologia? Não. Estou de acordo com toda a informação contida nas vinhetas? Não, aqui e ali é demasiado a preto e branco, mas nunca abafa a dúvida ou cala a necessidade de recorrer a quem de direito. Logo, tudo bem. O livro pode ser útil, como a Maleta Vermelha o é, de resto, para quem decidir acolhê-la. (Porque lhe apetece! Nada pior do que transformar uma hipótese válida

em moda seguida em piloto automático...) Conta a história de alguém que se bateu por um sonho e não se deixou abater pelos escolhos inevitavelmente encontrados; recusou tabus; permaneceu mulher como as outras, sem receio de legendas e rótulos que sabia à espreita em cada esquina. Gosto disso. Ninguém é sexualmente livre através do aumento do número das posições experimentadas ou «truques» aprendidos na revista berrante à venda no quiosque do bairro. A liberdade vem de dentro e é uma tarefa de pessoa inteira. O erotismo virá depois. E repararão que escrevi erotismo e não sexo, há um mundo a descobrir entre eles. Se a Maleta e o livro vos ajudarem nessa aventura, terão cumprido – e até ultrapassado! – as expectativas da autora.

Há-de ela dizer-vos se tenho razão.

JÚLIO MACHADO VAZ

# Introdução

## UM PROJECTO DE MULHERES PARA MULHERES... E NÃO SÓ

**É** verdade, sim senhora: somos mulheres, vendemos artigos eróticos ao domicílio e temos uma Maleta Vermelha cheia de produtos que fazem corar os mais tímidos. Dos vibradores às algemas felpudas, passando pelos cremes estimulantes e outros que tais, cujos segredos não vou desvendar já, mas que posso garantir têm feito muita gente feliz, se é que me entendem.

Para quem ainda não nos conhece, o projecto Maleta Vermelha nasceu em Barcelona, em 2005, pela mão de Dina Höerneck. Apesar de exercer uma actividade profissional paralela, Dina sempre sentiu que, mundialmente, a mulher não encontrava uma solução viável no mercado do erotismo para as suas necessidades mais íntimas. As lojas de rua são demasiado frias, com aquelas prateleiras cheias de fotografias pornográficas e inibidoras de mulheres em posições menos católicas. Já as lojas *on line*, essas acabam por vender «gato por lebre».

Na cabeça desta alemã, sempre foi claro: nisto do erotismo nós, mulheres, gostamos de cheirar, tocar, sentir e, até mesmo, saborear, antes de dar o passo de comprar algum produto. Já para não dizer que odiamos sentir-nos observadas por estranhos, em especial se estivermos a decidir que tipo de *lingerie* ou estimulador clitoriano vamos levar para casa. Foi a pensar nisso que Dina construiu, literalmente, a primeira Maleta Vermelha e avançou pelas ruas movimentadas de Barcelona criando um conceito inovador: um grupo de mulheres reúne-se em casa, manda os companheiros irem dar uma «voltinha» e, durante umas horas, descobrem os segredos sensuais e eróticos escondidos na Maleta.

A curiosidade feminina contagiou os homens e são cada vez mais comuns as reuniões de casais. Quer acreditem quer não, também já são muitos os homens que nos procuram para pedir uma reunião «só para eles», onde se comportam como verdadeiros alunos exemplares... Mas disso falarei mais adiante.

Como em todos os projectos, na Maleta Vermelha existe um coração e um cérebro. E, por mais irónico que pareça, foi nas rotineiras idas à escola dos filhos ao fim do dia de aulas que Dina Höernecke, coração do projecto, conheceu Sascha Siebenmorgen, um pai atarefado, que viria a transformar-se no cérebro da Maleta. Enquanto esperavam a saída dos filhos das aulas, trocavam impressões sobre futuros negócios e as ideias de ambos não podiam fluir melhor: Sascha é engenheiro informático e um autêntico crânio financeiro, que consegue

gerir uma equipa com um pulso germânico e um sorriso doce. Começaram uma parceria que dura até hoje e deu-se o desenvolvimento nacional da espanhola La Maleta Roja, o qual cresceu mais tarde para formato ibérico e hoje é internacional, já com mais de 500 assessoras espalhadas entre Portugal, Espanha, Itália, Uruguai e México.

Em Portugal, o projecto começou em Setembro de 2007. Desde há algum tempo, a central espanhola recebia *e-mails* de mulheres portuguesas que perguntavam quando iniciariam o projecto em terras lusas e uma brasileira chegou, inclusive, a comprar uma maleta e a estabelecer-se em Cascais. Mas, como sempre digo: «Uma andorinha não faz a Primavera.» E quando a central viu reunidas as condições financeiras e estratégicas para se expandir, iniciou o processo de recrutamento de uma coordenadora nacional para Portugal. Foi nessa altura que entrei no projecto com um objectivo claro: não queria apenas vender produtos eróticos. Ao lado lúdico, pretendia juntar uma forte componente de formação sexual.

Ao longo destes quatro anos quebrámos muitos tabus, socorremos casais em ruptura, apimentámos muitas vidas sexuais de norte a sul. As histórias para contar são muitas, que tanto poderão levá-lo às lágrimas de tanto rir como também chorar.

Obrigada à Dina, por me «emprestar» o seu bebé, um *tshüss* ao Sascha pelo seu apoio e um beijo cheio de boas vibrações à equipa mais fantástica do MUNDO – as maleteiras. Sem vocês, a viagem era triste!

Alexandra Leal

A si, leitor, resta-me fazer a pergunta que sempre acompanhou este projecto: atreve-se?

Beijinhos e boas vibrações

*PS* – Todas as identidades, localizações e informações pessoais que poderiam levar à identificação das intervenientes foram alteradas ou ocultadas para sua própria protecção.

## Sou mãe e vendo produtos eróticos

**S**ou esposa, sou amante. Sou mãe, sou filha. Sou amiga, sou profissional. Mas, acima de tudo, sou mulher. E é misturando a sabedoria de todas estas minhas facetas que, algumas noites por semana, me transformo em assessora da Maleta Vermelha...»

Bem sei que esta descrição podia ser o início de um livro sobre a vida de uma «mulher da noite», mas a realidade não podia estar mais longe. É certo que, pelas minhas mãos, já passaram mil e um objectos que aquecem em segredo a vida sexual de mulheres. Contudo, pelos meus ouvidos e coração, passaram também mil e um relatos de amores e desamores, dúvidas e receios, loucuras e ousadias que essas mesmas mulheres partilharam comigo.

Lembro-me, por exemplo, de estar, numa manhã de domingo, a tomar o pequeno-almoço com a minha família enquanto ouvia a empregada de mesa em plena discussão conjugal ao telemóvel. Com um olhar cúmplice, a patroa piscou-me o olho e sussurrou:

«O marido dela ontem negou-se ao “trabalho” e ela ligou-lhe a avisar que não tolera mais negas! Fez bem, não acha?» Sem conseguir esconder um sorriso compreensivo, respondi no mesmo tom: «Claramente vocês estão a precisar de uma reunião da Maleta Vermelha.»

Os anos vão passando e há reuniões, pessoas, histórias e relatos que, por muitos anos que viva, nunca esquecerei. E muitas vezes pergunto-me como terão sido os desenvolvimentos desses casos depois de terem recorrido à Maleta Vermelha.

Embora passe, nas reuniões, os meus conselhos e os contactos dos técnicos de saúde que podem, talvez, ajudá-las, não ando propriamente a telefonar depois para cada cliente a perguntar: «Então querida, conte-me lá... o que lhe disse o ginecologista?» ou «Ele gostou daquilo na cama?». Digamos que a invasão de privacidade era demasiada e deixar-nos-ia – a mim e a elas – envergonhadas.

Sei que trabalho num ramo onde, à partida, a timidez não combina, mas sim: sou tímida! E então? Neste sector, sermos envergonhadas q.b. é uma grande qualidade que nos impede de «falar de mais» e de nos colocar em campos minados e muito desconfortáveis, em cenário de reunião. E acreditem que essas situações podem ser bastante desagradáveis.

Agora as histórias... As eternas histórias, que vão desde o mais picante ao mais lamechas, num carrossel de emoções que ainda hoje me deixa de boca aberta. Ninguém tem verdadeira noção do que dizem e fazem as mulheres quando se juntam para abordar a intimidade.

Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que não vale a pena seguir grandes regras para contá-las. Imaginemos que estamos a tomar um chá e, pelo meio, eu revelo-vos como é, afinal, o mundo secreto da Maleta Vermelha em Portugal. Começemos então pela história da avó Maria, que procurava um «amigo» para o prazer solitário...

## Clientes: Um vibrador para a neta... E outro para a avó!

**O**s encontros de gerações em reunião são sempre muito curiosos. Alguma vez se imaginaram a dar a conhecer lubrificantes e vibradores a filhas, mães e avós, todas juntas numa só reunião? Pois, eu também não. Mas estas misturas de idades nos encontros da Maleta Vermelha são cada vez mais comuns e dão, por vezes, azo aos momentos mais hilariantes e fantásticos a que já assisti.

Foi o caso do 70.º aniversário da avó Maria. Um dia, uma rapariga ligou-me a dizer que queria fazer uma reunião ali para os lados da zona salaia. Fiz as perguntas habituais sobre a média de idades e a resposta foi clara: «Vou estar eu, a minha mãe e a minha avó. Julgo que algumas das minhas tias também são capazes de aparecer.» Ora bem, o meu primeiro pensamento foi: «Desgraça! Vão fechar-se em copas e a reunião vai ser um fiasco.»

Quando cheguei, deparei-me com uma senhora de 70 anos (que só mais tarde percebi ser a aniversariante), a filha na casa dos quarenta, duas ou três amigas da mesma idade e a filha, também acompanhada por amigas. Tinham a palavra «rambóia» escrita na testa, divertidíssimas e sempre a atirar piadas para o ar.

A reunião ia muito bem até que chegámos à parte da «artilharia pesada», entenda-se vibradores. Notei que houve ali um ligeiro corte da brincadeira e a filha entrou num campo de perguntas muito específicas, do género: «Tem testículos?» ou «Tem ventosas?». Como o rol de questões começava a ser demasiado específico, acabei por ser directa, como já é hábito, e perguntar: «Minha querida, afinal para quem é o vibrador?» Fez-se um silêncio absoluto pela primeira vez desde que tinha chegado. Trocaram todas uns olhares cúmplices e, em tom quase de segredo, lá me contaram que o vibrador era para a avó! Pelo que percebi, o avô estava muito velhinho e já não tinha o vigor de outros tempos, enquanto a senhora estava ainda muito activa e queria desfrutar um pouco mais da sua sexualidade. Achei aquilo o máximo, um momento de elevada cumplicidade entre mulheres de gerações bem distintas. Mas, e acima de tudo, o quebrar de um mito sexual que tantos de nós temos: a terceira-idade não faz sexo e não tem desejo sexual. Ai não, que não tem...

Arranjei-lhe o *Johnny*, o nosso vibrador mais realista que costuma encantar as mulheres mais arrojadas. Cor de carne, com testículos e ventosa, que, neste caso, ajudava a senhora a ser autónoma e usá-lo com maior facilidade. Nunca cheguei

a saber se a avó se ajeitou ou não, mas o certo é que, quando vim embora, todas elas tinham um brilho nos olhos. A missão tinha sido cumprida.

Mas se por vezes corre extraordinariamente bem, outras há em que este encontro de gerações é um verdadeiro desastre, como por exemplo no dia em que nos foi solicitada uma reunião para uma despedida de solteira, numa zona *benzoca* de uma grande cidade. Quando perguntei a média de idades das participantes, disseram-me que iria ser muito díspar porque estariam presentes no evento tanto amigas da noiva como familiares mais velhas. Até aqui, nada de novo.

Quando cheguei, a noiva estava atrasadíssima. Lá esperámos pela jovem e, quando todo o grupo de «tias» (literalmente) se reuniu, começou o meu pesadelo. Expliquei-lhes o conceito do projecto e, mal comecei a mostrar os produtos, as jovens começaram com aqueles risinhos muito histéricos, tal qual meninas colegiais. Não deixa de ser irónico, porque a ex-colegial era eu e nunca reagi daquela forma. As tias da jovem olhavam para mim com um ar de falsa vergonha, enquanto escondiam os olhos por trás dos dedos entreabertos, para na realidade não perderem pitada do assunto. Foi a primeira vez que me senti mesmo mal numa reunião. Não gostava daqueles olhares reprovadores sobre mim, pareciam os olhares das freiras do colégio onde passei a infância quando fazíamos asneira da grande. Ao mesmo tempo, não compreendia a razão de tanta indignação e falsidade, já que o serviço havia sido contratado pelo grupo e confirmado de antemão que todas as

participantes conheciam o projecto, para não haver surpresas desagradáveis.

Quando lhes comecei a passar os produtos para experimentar as texturas e sensações começou o verdadeiro regabofe: houve mesmo quem deixasse cair ao chão os vibradores por ter «medo» de lhes tocar.

A situação tornou-se tão ridícula que, já irritada, acabei por perguntar: «Se sabiam do conceito da reunião porque aceitaram estar presentes?» Foi das sessões mais rápidas que já fiz, mas também onde pior me senti. Quando cheguei ao carro, demorei uns bons minutos a arrancar para casa. Não conseguia parar de pensar: «Onde é que errei? Como posso prevenir que isto aconteça a uma assessora? Porquê tanta falsa indignação? Teriam reagido de forma distinta se não houvesse diferença etária no grupo? Seria apenas um teatro?»

Colocar duas gerações na mesma sala que a Maleta Vermelha também pode dar nisto. Naquele caso, acredito que ambas as faixas etárias teriam aprendido muito mais em duas reuniões separadas. Mas recordando a história da avó Maria, e aquele encontro de gerações tão aberto, continuo a achar que vale sempre a pena tentar.

Quando saí dessa agradável reunião, foi inevitável pensar na minha avó e na sua educação e vivência. Jamais, em hipótese alguma, seria possível vê-la num momento daqueles, em torno daquelas conversas... e tive pena. Se, por um lado, eu gostaria de ser uma mãe próxima, de certeza que vou adorar ser uma avó *cool*.

A verdade é que acabo por me ver envolvida, por vezes, em dois mundos distintos, no mesmo país: por um lado, um Portugal onde uma mulher de 70 anos vive a sua sexualidade de forma intensa e partilha essa liberdade com as mulheres do seu meio social, por outro, uma mulher de 70 anos que vive uma reclusão forçada da sua sexualidade porque jamais, em momento algum da vida, lhe foi permitido ter voz activa.

E se pensam que os denominadores que as separam são o grau de instrução, o nível financeiro ou a localização geográfica, estão muito enganados. Quantas vezes essa suposição já foi deitada por terra nas nossas reuniões.

Depois desta experiência, num meio rural, fui percebendo que na zona saloia o interesse e abertura geracional da parte de quem nos procura consegue ser, por vezes, surpreendente. Por exemplo, uma vez fui parar a uma reunião no meio do «campo», onde estavam presentes a avó, a nora e a nora da nora. Não tinham laços de sangue, mas estavam todas unidas por uma condição comum: eram as parceiras dos três homens da família. Com um à-vontade que me deixou boquiaberta, a avozinha começou a discutir a *performance* do marido na cama. A nora, de olhos arregalados, ia descobrindo que o marido tinha os mesmos hábitos do pai e a miúda (que tinha 17 anos e também estava acompanhada pela mãe) a perceber que o namoradinho, que ainda era miúdo, já tinha bem a quem sair. Foi mesmo muito curioso ver que nenhuma se coibiu de pôr «em cima de mesa» as preferências sexuais dos seus respectivos, sem pensar no que as

outras participantes iam pensar. Foi uma abertura deliciosa, mas rara, muito rara!

As fotografias tiradas nessa noite foram-me enviadas e jamais esquecerei aquela partilha intergeracional. Posso dizer que chorámos a rir. Mais uma vez, aprendi que, mesmo nas zonas rurais, a curiosidade feminina está muito presente e que as gerações mais velhas fazem um esforço claro por compreender as mais novas. E nunca mais caí na generalização de que as mulheres da zona saloia eram ignorantes.

Nesse dia lembro-me de sair da reunião, voltar para casa e falar com o meu marido sobre o que se tinha passado. Sendo eu uma mulher algo desinibida e com poucas papas na língua, dei por mim a pensar: «Até que ponto conseguirei um dia falar assim com abertura sobre a nossa intimidade com a minha filha ou neta?» Aquela avó tinha mais de 70 anos. Agora imagino a minha própria mãe e acho que ela nunca falará sequer de um terço destes temas com a neta. O meu marido, que é militar, tem um feitio mais calado e sei que irá deixar essa tarefa para mim. Mas, e o filho que tenho no ventre? Uma coisa é certa: vou ensiná-lo a respeitar a sua companheira e a ser sexualmente liberto. Que é, no fundo, o que vamos tentando passar a todos, sejam homens ou mulheres, os que nos procuram.

## Tabus: «Pip, pip, parou... Aqui atrás nada entra!»

**A**s reuniões da Maleta Vermelha são, na grande maioria das vezes, pautadas por dúvidas, receios, descobertas e muitos gritos e gargalhadas. Nisto da sexualidade e erotismo ninguém nasce com uma enciclopédia decorada. Muito aprende-se com os livros, com os poucos entendidos na matéria que estejam dispostos a revelar os segredos da profissão. Mas há perguntas que já se tornaram míticas entre nós, como por exemplo: «Diz-se clítoris ou clitoris?» É com ar sério que muitas vezes nos questionam sobre isto. Muito simples: A opção certa é a primeira. O acento é a chave deste quebra-cabeças. Mas é quando esta pergunta surge que aproveitamos para inserir a verdadeira questão que todas querem ver respondida: «Mas afinal onde é que ele está?»